

QUEM DESLOCA TEM PREFERÊNCIA

Marcelino Rodrigues da Silva

Resumo:

Este trabalho discute os significados atribuídos às histórias do futebol na cultura brasileira, enfatizando os deslocamentos interpretativos a que essas narrativas são submetidas em função de sua inserção em contextos regionais e locais e de sua apropriação por diferentes sujeitos e grupos sociais.

Palavras-chave: futebol; narrativa; memória; identidade.

Doutor em Literatura Comparada e Mestre
em Teoria Literária pela FALE/UFMG

Na edição matutina de 5 de dezembro de 1931, a seção esportiva d’*O Globo*, então comandada pelo jornalista Mário Filho, tecia os seguintes comentários a respeito dos boatos que circulavam sobre uma possível transferência de Leônidas da Silva para a Europa:

O caso da ida de Leônidas (...) para a Espanha preocupou e ainda preocupa a atenção pública. Formaram-se, a respeito, verdadeiras lendas; fizeram-se as afirmações mais temerárias. (...) Em suma: em torno do caso contaram-se histórias dignas das Mil e uma noites.

Evocando o relato por meio do qual Sherazade seduzia e enganava seu carrasco, misturando as histórias umas nas outras e protelando para sempre o desfecho, o jornal sem querer sugeria um modo de interpretar a complexa problemática das relações simbólicas entre o futebol e a sociedade brasileira. Como diria mais tarde Nelson Rodrigues, irmão mais novo de Mário Filho que integrava a equipe d’*O Globo* em 1931, “a bola é um reels (...) detalhe”, pois o que interessa no esporte é “o ser humano por trás da bola”, “é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão”. (1993: 104). O que vale são as histórias – cômicas, dramáticas ou simplesmente pitorescas – que se formam em torno das personagens e instituições do universo futebolístico. Através desse suplemento interpretativo, que são os incontáveis discursos que a sociedade produz sobre o espetáculo, o jogo ganha “uma dimensão nova e emocionante” (RODRIGUES, 1994:11), adquirindo sentidos que extrapolam o âmbito esportivo e se conectam a outras dimensões da vida humana.

A percepção de que esse processo tem uma dimensão narrativa, implícita na referência às *Mil e uma noites*, acrescenta ao raciocínio um outro componente, que ajuda a colocar em xeque muito do que se tem dito sobre o futebol, sua história e seus significados no Brasil. Embora já tenhamos passado da época em que o esporte era visto como “ópio do povo”, sendo corrente a aceitação de que ele se presta à construção de sentidos diferentes e contraditórios, são ainda bastante comuns as análises em que se fala apenas do modo como, em diversos momentos, ele foi utilizado pelas elites brasileiras como instrumento de controle social e normalização de valores e comportamentos. Nos tempos do amadorismo elitista, no processo de popularização e transformação do futebol em símbolo da identidade nacional ou na forma como foi vivida a conquista do tricampeonato mundial, aponta-se quase sempre para a cristalização e a rigidez dos sig-

nificados que, atribuídos maquiavelicamente ao esporte, possibilitaram que ele desempenhasse essas funções.

Um bom exemplo dessa tendência são as análises e avaliações que têm sido feitas do trabalho de recuperação do passado esportivo brasileiro empreendido por Mário Filho, nos livros sobre o futebol que ele escreveu na década de 1940. Em alguns textos publicados nos últimos anos, o jornalista que ajudou a popularizar a imprensa esportiva no país é visto como um dos principais artífices da “invenção” de uma mitologia nacionalista que faz do esporte palco de um processo de homogeneização cultural e abrandamento dos conflitos sociais. Sua obra mais importante, o livro *O negro no futebol brasileiro*, é considerada um “romance” de caráter pedagógico, que cristaliza essa mitologia e ajuda a difundir a ideologia da “democracia racial”, fornecendo as bases para o modo como foi vivida a chamada “era de ouro” do esporte brasileiro, na segunda metade do século XX. (cf. SOARES, 1999; PEREIRA, 2000).

Para questionar essa leitura, proponho observar como a mitologia do futebol supostamente cristalizada nos livros de Mário Filho se relaciona a uma narrativa esportiva de caráter bem mais restrito: os “causos” que meu pai me contava sobre seu passado como torcedor, especialmente a história das origens de sua paixão pelo Clube Atlético Mineiro. Nascido em Belo Horizonte em 1923, o mulato Hélio Rodrigues, filho de família humilde, cresceu nos bairros do Barro Preto e do Calafate, onde se concentrava a maior parte da colônia italiana da cidade. Criado em íntimo contato com essa comunidade, na infância e início da adolescência ele foi um entusiasta do torcedor do Palestra Itália. Mas seu lugar marginal entre os palestrinos era sempre lembrado pelo incômodo apelido de “Macarrão Preto”, que os italianos usavam para ironizar sua mal resolvida paixão clubística. Uma série de acontecimentos no decorrer das décadas de 1930 e 1940, entretanto, faria seu coração de torcedor balançar e acabar pendendo para outro clube.

Após a implantação do profissionalismo, em 1933, o Atlético, que havia surgido como um time de universitários, começou a contratar jogadores mais humildes, alguns deles negros e mulatos, para fazer frente a seu principal rival naquela época, o Villa Nova, clube operário que conquistou os três primeiros campeonatos profissionais de Minas Gerais. Em 1936, o Atlético venceu o campeonato estadual e, no início de 1937, provocou grande orgulho regional com a conquista do famoso título de “Campeão dos Campeões”, num torneio entre os melhores clubes de Minas, Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito

Santo. Em 1938 o Brasil foi derrotado pela Itália nas semifinais da Copa do Mundo da França e o entusiasmo dos italianos aqui radicados gerou grande irritação nos torcedores brasileiros. O clima de revanchismo chegou ao auge em 1942, com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, depois que navios brasileiros foram atacados por tropas do Eixo. Em diferentes cidades do país, casas de italianos foram incendiadas e, em Belo Horizonte, o Palestra sentiu-se pressionado e mudou de nome para Cruzeiro, adotando as estrelas do céu tropical como símbolo.

Magoados com os italianos, Hélio e outros antigos palestrinos resolveram que era hora de colocar o preto no branco. Não torceriam mais para os “carcamanos” e iriam engrossar as hostes do Atlético, cuja mística de “time de massa” já havia começado a se formar. Ali começava uma tradição familiar que chegou a mim nos anos setenta, quando freqüentei o Mineirão levado por meu pai e fui seduzido pelo brilhantismo artístico de um time sensacional formado por craques como Reinaldo, Cerezo e Paulo Isidoro. Mais tarde, essas e outras histórias que ele contava sobre sua trajetória de torcedor não só fizeram crescer meu amor pelo Atlético como também estimularam meu interesse pelo passado da sociedade em que vivo.

Seguindo a trilha já traçada pelos estudos sobre a história e o imaginário do futebol no Brasil, poderíamos dizer que as memórias esportivas de meu pai são uma atualização daquela mitologia do esporte construída durante a primeira metade do século XX e cristalizada nos livros de Mário Filho. Na infância palestrina, quando o futebol ainda preservava um pouco do charme das décadas anteriores, podemos ver os traços da fase amadorística, quando os sports faziam parte de um conjunto de práticas e valores culturais importados da Europa para alimentar os anseios de modernização das elites brasileiras. Nas rixas com os italianos e no despertar de seu amor pelo Atlético, mostram-se os dilemas e tensões que se projetaram no futebol, como consequência de sua disseminação pelas diversas classes e grupos sociais que se aglutinavam nas grandes cidades do país. E no surgimento das tradições populares do Atlético, revela-se uma nova imagem da nação, agora com uma face racial e culturalmente híbrida, forjada através do futebol e encarnada na seleção nacional e em outros “times de massa” como Flamengo e Corinthians.

Mas, nas histórias dos “bons tempos” do futebol que meu pai me contava, essa mitologia de integração e harmonização social é submetida a distorções e deslocamentos, em função de sua inserção num contexto local e de sua assimilação por novos sujeitos e grupos so-

ciais. Através dos revanchismos regionais e da eterna rivalidade entre Atlético e Cruzeiro, somos lembrados de que a comunidade nacional é atravessada por antagonismos, ressentimentos e feridas que nunca cessarão de sangrar. Se de um lado as instituições, personagens e acontecimentos esportivos têm o caráter de representação dos laços que unem a nação, de outro os bairrismos, clubismos e rivalidades se encarregam de demarcar as fronteiras internas que a dividem. Por isso, a auto-imagem coletiva que surge desse teatro tem seus contornos simbólicos sempre provisórios, em permanente reelaboração. Como definiu Homi Bhabha (1998), a nação moderna é uma narrativa sem desfecho, cujo alcance metafórico é estabelecido por uma interminável disputa entre discursos pedagógicos, que constroem e afirmam as semelhanças, e performáticos, que insistem em trazer à tona as diferenças e conflitos.

Tanto na fala saudosista de meu pai quanto nos textos em que Mário Filho recupera o passado do futebol brasileiro, a narrativa é a modalidade discursiva predominante. O livro *O negro no futebol brasileiro* foi composto pela compilação de uma verdadeira infinidade de “causos” do anedotário futebolístico, recolhidos pelo autor durante sua longa vivência como jornalista. Vale lembrar que, no final dos anos vinte e início dos anos trinta, Mário Filho havia revolucionado o jornalismo esportivo brasileiro, explorando de forma inédita a biografia dos atletas e as histórias curiosas que aconteciam nos bastidores do futebol.

No livro, esses episódios foram inseridos em uma moldura narrativa que enfatiza a trajetória dos jogadores negros, sem contudo se reduzir a ela, preservando um pouco dos sentidos contraditórios que decorrem de suas origens diversas e muitas vezes antagônicas. De certa forma, a matriz coletiva e popular que serviu de fonte ao autor se refletiu na composição da obra, produzindo uma estrutura textual heteróclita, em que diferentes vozes e pontos de vista perturbam a estabilidade e a hegemonia de uma perspectiva interpretativa única. Por isso, ao invés de “romance”, talvez lhe coubesse melhor a rubrica “memória”, através da qual essa característica textual fica melhor evidenciada. Como ensina Maurice Halbwachs (1990), o discurso memorialístico é sempre coletivo, múltiplo e contraditório, pois mesmo as recordações mais íntimas estão ancoradas nas lembranças dos grupos a que o indivíduo pertence ou pertenceu durante sua vida.

Já nas memórias esportivas de meu pai, as histórias do futebol se cruzam e se misturam com sua própria biografia, com o passado de sua família, sua cidade, seu país e seu mundo. Contando suas lem-

branças de torcedor, Hélio ordenava e conferia sentido à sua existência, valendo-se do esporte para articular e expressar seus desejos, sofrimentos e sentimentos de pertencimento. Mais do que um instrumento de normalização e controle social, portanto, as narrativas e tradições esportivas eram, para ele, um campo simbólico que lhe permitia, de algum modo, reelaborar continuamente sua subjetividade e refletir sobre suas relações com o mundo ao seu redor.

Da mesma forma, as narrativas do futebol foram e continuam sendo permanentemente recriadas e reinterpretadas pelas tradições esportivas que se formam em torno de regiões, cidades, bairros, grupos familiares, comunidades de imigrantes etc. Para compreender o alcance desse fato, talvez seja útil recorrer às reflexões de Walter Benjamin (1994), em seu clássico ensaio sobre a posição do narrador diante das dramáticas transformações impostas pelos tempos modernos. Reconhecendo na narrativa um alto grau de abertura interpretativa e apontando para suas ligações com a memória coletiva, Benjamin nos ajuda a perceber o papel desempenhado pelas histórias do futebol no difícil processo de reinvenção das formas populares de sociabilidade e comunicação vivido pela sociedade brasileira ao longo do último século. Nos incontáveis “causos” do anedotário esportivo, que passam de boca em boca e de geração em geração, há algo que escapa aos projetos totalizantes de modernização e construção nacional e que diz respeito a necessidades e impulsos que sempre acompanharam a humanidade. Mergulhadas no fluxo da vida e do tempo, as histórias do futebol se misturam às histórias das pessoas e comunidades, respondendo à antiga necessidade de narrar para viver, de intercambiar experiências e lidar, mesmo que de modo precário e fugidivo, com as contradições e a ausência de sentido que inevitavelmente acompanham nossas existências. Em cada história existe sempre um pedaço de outra, e todas as histórias se cruzam numa rede sem fim: a trama da narração e da memória, a teia das infinitas interpretações que divergem e convergem ao sabor dos acontecimentos e das posições enunciativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. O narrador; considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.197-221.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HELAL, Ronaldo & GORDON JR., Cesar. "Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.23, p.147-165, 1999.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- RODRIGUES FILHO, Mário Leite. *Copa Rio Branco – 32*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1943.
- RODRIGUES FILHO, Mário Leite. *Histórias do Flamengo*. 3ed. Rio de Janeiro: Record, 1966.
- RODRIGUES FILHO, Mário Leite. *O negro no futebol brasileiro*. 3ed. Petrópolis: Fumo, 1994.
- RODRIGUES FILHO, Mário Leite. *O romance do foot-ball*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1949.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol; o Brasil moderno de Mário Filho*. 2003. Tese (Doutorado em Letras – Estudos Literários.), Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte.
- SOARES, Antonio Jorge. "História e invenção de tradições no campo do futebol". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.23, p.119-146, 1999.